

FORMAÇÃO PARA PROFESSORES DE ARTE: CINEMA NA ESCOLA

SILVA, Nayara Mendi¹
RAMOS, Cassiano²
FLORES, Virginia Osório³

RESUMO

O presente projeto pretende fornecer a instrumentalização de professores da rede pública de ensino reunidos em 23 municípios da região Oeste do Paraná, pelos Núcleos Regionais de Educação de Toledo e Assis Chateaubriand (NRE - PR), com ferramentas para inserção do audiovisual nas escolas, como parte efetiva da construção de conhecimento. A partir da demanda de formação de arte continuada que o NRE de Toledo, através da Secretaria de Educação do Governo do Estado do Paraná, apresentou ao Curso de Cinema e Audiovisual da UNILA, foi elaborado um programa para a aquisição de estratégias de trabalho para o uso do audiovisual, em perspectiva interdisciplinar, a ser iniciado a partir dos professores de arte das escolas. Após 3 edições realizadas em Toledo, houve também interesse pelo NRE de Assis Chateaubriand para que as atividades fossem estendidas aos professores desse Núcleo. As atividades são divididas em 8 módulos de quatro horas, a serem executados em quatro dias presenciais, que abordam aspectos teóricos e práticos.

Palavras-chaves: Cinema, Artes, Educação, Ensino básico e médio

1 INTRODUÇÃO

O propósito deste projeto de extensão é desenvolver no professor de artes do ensino médio e/ou básico a capacidade de apreciação de uma obra cinematográfica, através da leitura destas obras e possibilitar a utilização de práticas audiovisuais como ferramenta de criação e de crítica com seus alunos em escolas públicas estaduais ou municipais. A partir de temas apresentados e discutidos nos filmes, ampliar essas discussões no dia a dia da escola e usar estes temas para propor exercícios de criação audiovisual.

2 METODOLOGIA

O projeto prevê 4 módulos de 4 encontros presenciais de 8 horas diárias, por semestre. Os encontros estão divididos em aulas expositivas e analíticas, mescladas com práticas de fotografia, som, direção de arte, edição e produção, com o intuito de instrumentalizar o professor de artes a ter algum domínio sobre os equipamentos e

1 Estudante do Curso de Cinema e Audiovisual – ILAACH – UNILA; bolsista (UNILA). E-mail: nm.silva.2017@aluno.unila.edu.br

2 Estudante do Curso de Ciências Biológicas – Ecologia e Biodiversidade – ILACVN – UNILA; bolsista (UNILA). E-mail: c.ramos.2017@aluno.unila.edu.br

3 Docente do ILAACH – UNILA. Orientador de bolsista (UNILA). E-mail: virginia.flores@unila.edu.br

poder eleger com quais se sente mais à vontade para trabalhar em sala com seus alunos. Além dos encontros presenciais, cada tema incluirá 4 horas de atividades não presenciais.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O cinema faz parte hoje da nossa cultura audiovisual que, a partir da segunda metade do século XX, passou a ser também televisão, vídeo, computador, internet, games e até telefones móveis. Mas é bom lembrar que a linguagem e os recursos audiovisuais utilizados na publicidade, na ficção televisiva, nos desenhos, nos cliques e da maioria dos filmes produzidos nas oficinas audiovisuais vêm do imaginário do cinema (BERGALA, 2008). Portanto, conhecer a sintaxe e a gramática da linguagem do cinema é conhecer também o mundo audiovisual que nos cerca.

O cinema pensado como aparato simbólico e material, pode ser um produto cultural utilizado dentro da sala de aula como conteúdo para problematizar (não necessariamente ilustrar), por exemplo, um período histórico, ou uma obra literária que foi adaptada para a linguagem audiovisual, ou ainda, exibir – de forma muito mais dinâmica e envolvente que o livro didático – determinadas paisagens que o professor de Geografia queira trabalhar em suas aulas.

O diálogo do cinema com o currículo escolar pode resvalar no criticado “uso ilustrativo” do cinema, isto é, usar a obra de arte de forma didatizada ou como suporte secundário do livro didático. Dependendo do mediador, esse pode ser um caminho muito criativo para apresentar o cinema aos alunos.

Numa perspectiva otimista, pensando o filme articulado a um determinado tema, acreditamos que a interdisciplinaridade esteja saindo dos discursos oficiais e intenções e esteja chegando efetivamente à prática educativa. O uso do cinema em projetos interdisciplinares têm sido uma opção para a ruptura (ainda que gradual) das “grades” disciplinares. Filmes articulados, por exemplo, aos temas transversais, ganham muito mais força. Nesse aspecto, a ambiência democrática da unidade escolar deve ser cultivada.

Outra vertente fundamental nesse processo é a formação audiovisual de professores. Precisamos de profissionais da relação cinema/audiovisual e educação para colocar em prática tais propostas. Na esfera universitária, seria muito importante inserir a formação audiovisual em todas as licenciaturas para tentar reverter esse descompasso entre imagem e texto desde a formação inicial do

professor.

Alan Bergala é um cineasta-professor que recebeu, nos anos 1980, a incumbência de implantar o cinema como parte do currículo do sistema público escolar francês. Após alguns anos, relatou sua experiência no livro “A Hipótese-Cinema”, que tem servido de norte para muitos pesquisadores, inclusive para nós.

Para ele, a dimensão mais complexa e difícil de ser compreendida pelos agentes escolares é a do cinema como obra de arte. Bergala faz uma crítica bastante radical à estrutura conservadora do ensino na lógica disciplinar, reducionista, encaixotado em grades curriculares, o que tiraria da arte a sua potência de revelação e seu alcance simbólico. A arte, para permanecer arte, deve permanecer um fermento de anarquia, de escândalo, de desordem.

O autor francês discorda de uma postura de crítica ideológica, comum em alguns educadores, que esperam que o conhecimento de cinema defenda o aluno da mediocridade dos *blockbusters* e programas televisivos. Para Bergala, não é preciso se defender. Exibir e discutir os bons filmes é a única arma contra a mediocridade. O cinema deve entrar na escola como “o outro”, como o estrangeiro, aquele que incomoda e desconcerta.

4 RESULTADOS

O projeto tem tido uma ótima aceitação do público que se inscreve, principalmente por estarmos cobrindo uma área de conhecimento exigida pelas Diretrizes Curriculares da Educação Básica, a qual os professores não tem formação específica. O projeto já recebeu carta de apoio do Núcleo Regional de Ensino de Toledo após as 3 realizações (3 semestres) completas, destacando a importância na possibilidade dos participantes se apropriarem dos conhecimentos teóricos e práticos ligados ao Audiovisual.

5 CONCLUSÕES

Em função das novas demandas, as propostas curriculares recolocam novas exigências ao trabalho docente do ensino básico e médio. Tanto que a demanda da extensão FORMAÇÃO PARA PROFESSORES: Cinema na Escola, partiu de um Núcleo de Ensino do Município de Toledo e, também, atualmente do Núcleo de Assis Chateaubrian. A condição do professor de Arte é ser um especialista atuante na sua área, portanto, ter o domínio de determinado conhecimento artístico. Entende-se que é essencial a compreensão dos processos da produção daquele

conhecimento específico exigido (Teatro, Dança, Artes Visuais, Música, Audiovisual), e para tanto, nada melhor que as informações sobre esta área sejam desenvolvidas por um curso superior, no caso Cinema e Audiovisual.

6 PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGALA, Alain, 2008, “A Hipótese-Cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola”. Rio de Janeiro: Booklink

CITELLI, Adilson O. e COSTA, Maria Cristina C., 2011 (orgs.) Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas

DUARTE, Rosália, 2006, Cinema & educação. Belo Horizonte: Autêntica

MOGADOURO, Cláudia A., 2011, Educomunicação e escola: o cinema como mediação possível (desafios, práticas e proposta). Tese de Doutorado – ECA-USP

NAPOLITANO, Marcos, 2009, “Como Usar o Cinema na Sala de Aula”, São Paulo: Contexto